



O QUE AS CRIANÇAS TÊM A NOS DIZER SOBRE A ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL?

Cláudia Inês Horn¹

Jacqueline Silva da Silva²

RESUMO

A presente pesquisa, que ainda está em andamento, tem como objetivo investigar a representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil e aprimorar o cotidiano de uma escola de Educação Infantil, da rede pública de ensino, do município de Lajeado/RS, por meio da representação do olhar das crianças. Para alcançar o objetivo proposto, analisaram-se, com base na técnica da Análise do Discurso (BARDIN, 2012), as informações oriundas dos seguintes instrumentos de coleta de dados: grupos focais e entrevistas individuais com os professores; rodas de conversas, filmagens, fotografias e desenhos com as crianças. O referencial teórico sustenta-se nas ideias que Barbosa (2006), Sarmiento (2003), Cruz (2008), entre outros, que defendem a importância de a escola de Educação Infantil reconhecer a criança como sujeito social e atuante, produtora mais do que receptora de cultura. Com base em análises preliminares, pode-se evidenciar um grande potencial nas escolas de Educação Infantil que estruturam suas propostas pedagógicas e práticas docentes considerando a participação das crianças no cotidiano escolar.

Palavras-chave: Educação Infantil, Crianças, Cotidiano da Escola.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca apresentar a pesquisa intitulada “A representação do olhar da criança sobre a escola da Educação Infantil”, que vem sendo desenvolvida com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – FAPERGS e da Universidade do Vale do Taquari - Univates/RS. Tal pesquisa tem como objetivos centrais investigar a representação do olhar da criança sobre a escola de Educação Infantil e aprimorar o

¹ Doutora em Educação pela UNISINOS – RS, Docente na Univates – RS, cihorn@univates.br

² Doutora em Educação pela UFRGS – RS, Docente na Univates – RS, jacqueh@univates.br



cotidiano de uma escola de Educação Infantil, da rede pública de ensino, do município de Lajeado/RS, por meio da representação do olhar das crianças.

Os caminhos metodológicos da investigação contemplam grupo focal e entrevistas individuais com os professores, rodas de conversas com as crianças, filmagens, fotografias e desenhos. Tais instrumentos têm a intenção de reunir um conjunto de materiais produzidos tanto por professores como por crianças que compõem os sujeitos de pesquisa, os quais são oriundos de duas escolas de Educação Infantil da Rede Municipal de Lajeado/RS, ambas parceiras desta pesquisa.

É possível concluir com base em análises preliminares, que há um grande potencial nas escolas de Educação Infantil que estruturam suas propostas pedagógicas e práticas docentes considerando a participação das crianças no cotidiano escolar. Contudo, este potencial ainda carece de maiores estudos, problematização e inserção real nas práticas docentes.

REFERENCIAL TEÓRICO

Sabemos que as crianças frequentam espaços coletivos, como a escola de Educação Infantil, desde muito cedo. Esse lugar, na grande maioria das vezes, é controlado pelos adultos e pensado por eles, para as crianças. A expressão “pensado para as crianças” significa que a organização dos momentos da rotina, as práticas pedagógicas e até as escolhas referentes ao brincar são pensados pelos adultos. Assim, o cotidiano da escola acaba sendo construído dentro de um sistema programado, em que acontecem atividades repetitivas, rotineiras e triviais, não levando em consideração os interesses e as necessidades das crianças, que passam em torno de 12 horas diárias nesse espaço.

Para Barbosa (2006, p. 101), “a tensão de uma proposta fechada, com regras predeterminadas, com hábitos para serem introjetados, com uma metodologia pré-programada [...] fez parte de toda a história da Educação Infantil”. Diante disso, precisamos pensar em uma escola de Educação Infantil que reconheça a criança como ator social, o que implica reconhecê-la como sujeito social e atuante, produtora mais do que receptora de cultura. Esse reconhecimento nos faz refletir que elas, juntamente com os adultos, estão imbricadas na construção social, compartilhando responsabilidades, saberes, necessidades, interesses com seus pares e com os próprios adultos (SARMENTO, 2003).

Nesse sentido, a escola, que se destaca por um cotidiano de rotinas pré-estabelecidas e de controle, passa a apresentar “um dia a dia onde há possibilidade de encontrar o inesperado, onde há margem para a inovação, onde se pode alcançar o extraordinário do ordinário” (BARBOSA, 2006, p.37). Tendo como base a citação da autora, é possível compreender que o



cotidiano é a vida que acontece na escola de Educação Infantil. Assim, compreende-se que tudo que perpassa a estrutura da rotina é o próprio cotidiano.

Para que se encontre o inesperado no cotidiano, necessitamos de uma rotina que seja flexível, que leve em conta interesses e necessidades das crianças, sendo fundamental o conhecimento a respeito do que as crianças gostam de realizar, quais são os espaços que mais frequentam, quais são os brinquedos e materiais que procuram, quais são as situações de aprendizagem em que mais se envolvem, enfim, quais são as vivências que lhes proporcionam aprendizagens realmente significativas. Esse conhecimento sobre elas se amplia na medida em que passamos a ouvi-las, respeitando seus interesses e atendendo suas necessidades.

Nessa perspectiva, Silva (2011, p. 25) corrobora dizendo que “a escuta é vista como um processo permanente que alimenta a reflexão, o acolhimento e a abertura ao outro, condição indispensável ao diálogo e à troca”. Essa abertura ao outro possibilita a troca para que os processos de ensinar e aprender sejam complementares e estejam afinados na reciprocidade. Dar voz às crianças é uma opção pedagógica, como destaca Cruz (2008):

Dar voz às crianças é uma expressão da opção pedagógica em curso, a qual encerra uma imagem de criança competente e com direito à participação, e também uma estratégia de aprimoramento da prática docente e da melhoria da qualidade dos contextos educativos (CRUZ, 2008, p.79).

Diante do exposto, acreditamos que as crianças estão prontas para nos ajudar no que diz respeito à construção de uma escola de Educação Infantil que seja “delas”, oferecendo-nos ideias e sugestões, apresentando dúvidas, problemas, indicadores e trilhas a seguir. Conseqüentemente, quanto mais confiam em nós e nos veem como fonte de recursos, de possibilidades, mais nos auxiliam.

Assim, quando a escola de Educação Infantil reconhecer o protagonismo infantil, latente e pulsante, é possível que descubra uma leveza maior nos processos de ensinar e aprender, encontrando a recíproca necessária para a garantia da autonomia e participação de todos os atores e autores: crianças, professores, famílias e comunidade escolar. Talvez, então, a escola deixe de ser tão séria, tão direcionadora de rotinas rotineiras que tratam da mesmice do dia a dia, tão cheia de normas que engessam as crianças de todas as formas e, mais do que reconhecer, passe a favorecer o protagonismo infantil.

METODOLOGIA

O caráter subjetivo da pesquisa apresentada nos remeteu à necessidade de um estudo de abordagem qualitativa. Essa abordagem de pesquisa possibilita ao investigador a descrição do

fenômeno tal como ele se apresenta em toda a sua complexidade e em seu contexto natural. Dessa forma, o investigador se constitui o principal instrumento de geração de informações, pois a imersão no contexto particular dos sujeitos permite a compreensão do que as pessoas fazem em seu ambiente habitual (BIKLEN; BOGDAN, 1994). Esta pesquisa também atende alguns dos pressupostos do Estudo de Caso, que, segundo Yin (2010), permite investigar o fenômeno estudado – sem buscar a generalização de resultados – de forma aprofundada, revelando nuances que dificilmente seriam identificadas sem a realização da pesquisa. O presente estudo se caracteriza como um estudo de caso uma vez que investiga o cotidiano de duas escolas de Educação Infantil.

Assim, em relação ao *locus* e aos participantes da investigação, esta pesquisa vem sendo desenvolvida com duas escolas de Educação Infantil da rede pública municipal de ensino da cidade de Lajeado/RS. Quanto aos participantes, estão envolvidos no estudo crianças da faixa etária entre 3 a 5 anos de idade e seus professores. Em relação aos cuidados éticos, obteve-se o aceite dos professores envolvidos, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), bem como das famílias das crianças, uma vez que estas são menores de idade. Alderson (2005), ao referir-se sobre a ética na pesquisa envolvendo crianças, destaca que quem assina o documento, consentindo ou não a sua participação, são os responsáveis por elas. Porém, seguindo a autora, as crianças também precisam dar o seu consentimento.

Acerca da identificação das crianças, Corsaro (2011) afirma que, na perspectiva da sociologia da infância, as pesquisas desenvolvidas com as crianças reconhecem-nas como sujeitos singulares, protagonistas ativas de suas vidas e ainda, produtoras de cultura. Por isso, devemos identificá-las, não as escondendo em uma multidão anônima. Assim, sabedores que essa permissão obtida por elas não poderia se caracterizar como uma assinatura no papel, buscamos encontrar diferentes linguagens que fizessem sentido para elas, para que pudéssemos obter esse consentimento.

Em relação aos instrumentos para a geração dos dados, desenvolvemos junto aos professores participantes da pesquisa a técnica do Grupo Focal, desenvolvida em seis encontros por meio da plataforma *Google Meet*. O objetivo foi conhecer como tais profissionais consideram a participação das crianças no cotidiano da Educação Infantil. Arelado aos encontros, os professores realizaram uma constante autoavaliação sobre a sua prática pedagógica junto às crianças através do registro em um diário, denominado pelos pesquisadores, de “Reflexivo”.

Conforme Gatti (2005, p. 9), o grupo focal permite fazer emergir “uma multiplicidade de pontos de vista e processos educacionais, pelo próprio contexto de interação criado,

permitindo a captação de significados, que, com outros meios, poderiam ser difíceis de se manifestar”. Dal’Igna (2012) corrobora afirmando que a técnica possibilita a produção de informações sobre “tópicos específicos, a partir do diálogo entre participantes de um mesmo grupo [...]. A técnica de grupo focal [...] permite produzir um material empírico a partir do qual podem-se analisar diálogos sobre determinados temas e não falas isoladas” (DAL’IGNA, 2012, p. 204).

Outro instrumento utilizado são as Rodas de Conversa com as crianças. Com tais rodas, temos como objetivo escutar as crianças a respeito daquilo que elas têm a nos comunicar sobre o cotidiano escolar; sobre o planejamento do professor; sobre o que é proposto a elas, como é proposto, como desejariam que fosse; sobre as rotinas estabelecidas; sobre a participação delas na definição do que é oferecido a elas pela escola, como a organização dos espaços de aprendizagem, entre outros aspectos. Destaca-se as Rodas de Conversa são realizadas pelos professores das respectivas turmas de crianças, sendo filmadas para posterior análise.

Também estão sendo utilizados registros fotográficos, com o objetivo de exercitar a percepção do olhar da criança sobre o cotidiano da escola. Nesse sentido, as crianças são desafiadas a registrarem, por meio de câmeras fotográficas e tablets, aspectos/situações que lhes chamavam a atenção por simplesmente gostarem do momento, por sentirem-se participantes, por desejarem mudanças, entre outros aspectos. Ressalta-se que as imagens oriundas estão sendo problematizadas com as próprias crianças.

A criação de desenhos é outro instrumento de pesquisa utilizado, que nos permite conhecer o que as crianças têm a nos dizer sobre como gostariam que fosse a escola na qual habitam diariamente. Ao prestar atenção às atividades das crianças, percebeu-se que habitualmente elas gostam de desenhar, sendo o desenho um canal privilegiado de expressão de suas ideias, vontades, emoções, enfim, do modo como leem a realidade (DERDYK, 1989; FERREIRA, 2001; GOBBI, 2005; PEREIRA, 2005). O uso do desenho como instrumento para a coleta de informações mostrou-se propício uma vez que, conforme Vygotski (1998, p. 93), “o desenho constitui o aspecto preferencial da atividade artística das crianças com menor idade”. Para essa ação, foram disponibilizados às crianças recursos como folhas A3 e giz de cera de diferentes tamanhos, espessuras e formas.

Por fim, serão realizadas entrevistas individuais com os professores participantes da pesquisa, com o objetivo de verificar como estavam propiciando a participação das crianças no que se refere ao cotidiano da escola em que habitam.

Como técnica para a análise dos dados e das informações coletadas, fizemos uso – através de uma aproximação – da técnica da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2012).

Essa técnica aplica-se, de modo especial, ao exame das informações contidas nos documentos escritos, visuais e de comunicação oral, como é o caso do Diário Reflexivo, dos desenhos, dos registros fotográficos, das filmagens, das rodas de conversa e das gravações das entrevistas individuais com os professores, com a finalidade de uma análise/leitura crítica e aprofundada, levando à descrição e à interpretação dos materiais extraídos do campo e às inferências sobre suas condições de produção e recepção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentaremos alguns resultados parciais a respeito da análise realizada a partir da técnica do Grupo Focal com os professores participantes da pesquisa, uma vez que os demais instrumentos de geração de dados ainda estão sendo desenvolvidos junto às escolas e às crianças envolvidas.

A transcrição dos seis encontros do grupo focal e a análise preliminar já desenvolvida nos permitem inferir que os professores escutam as crianças e promovem o protagonismo delas por meio da participação ativa, permitindo que elas tenham a oportunidade de ser espontâneas e criativas. Os professores investigados, ao longo da realização dos encontros do grupo focal, percebem a pertinência do diálogo estabelecido com as pesquisadoras e relatam acreditar, cada vez mais, na importância da participação das crianças no planejamento e nos contextos que lhes são próprios na Escola de Educação Infantil.

Ficou evidente, nos encontros do grupo focal, que a *escuta* e o *acolhimento* da voz das crianças são princípios que aproximam os professores das crianças e, ao mesmo tempo, sustentam a prática pedagógica na primeira infância, uma vez que possibilitam planejar e desenvolver situações de aprendizagem que contemplam os interesses e as necessidades das crianças.

Tais evidências ficaram perceptíveis no relato da Professora 1, num dos encontros do grupo focal:

Quando a gente decide as coisas “para” as crianças na escola, mas não “com” as crianças, parece que a instituição, a escola, se organiza em torno disso, das demandas dos adultos que convivem ali, e o quanto que as coisas que são impostas e debatidas, não são debatidas com as crianças, toda vez que já levamos algo pronto, “é assim que tem que ser feito”, “vamos primeiro nesse lugar, depois naquele”, e o quanto que isso tem me afetado, e quando eu li isso fiquei bem perdida, mas lembrei dessa reflexão que eu fiz hoje e pensei em compartilhar isso com vocês, o quanto que a escola se organiza “para” as crianças mas não “com” as crianças (PROFESSORA 1, 2021).



Como podemos perceber a partir desse relato, as crianças têm muito a nos dizer sobre a escola e seu cotidiano, e que podem contribuir na organização das questões escolares. Há que se perceber as crianças como “atores sociais”, os quais participam ativamente da construção de suas próprias vidas, “mas também a vida daqueles que as cercam e das sociedades em que vivem, contribuindo para a aprendizagem como agentes que constroem sobre o conhecimento experimental” (DAHLBERG; MOSS; PENCE. 2003, p. 71). As crianças que frequentam a escola de Educação Infantil precisam ser vistas como sujeitos que possuem “uma voz própria e devem ser ouvidas de modo a serem consideradas com seriedade, envolvendo-as no diálogo e na tomada de decisões democráticas” (DAHLBERG, MOSS, PENCE. 2003, p. 71). Corroborando com tal perspectiva, é possível sinalizar mais um relato que emergiu da realização do grupo focal:

[...] às vezes a gente fica muito preso a fatos e em fazer algo que a organização escolar pediu, seguir alguma data, alguma coisa. Não tiramos o tempo pra sentar com para brincar com as crianças. Já mudei bastante em relação a isso. Hoje, me sento bem mais com as crianças. Não é um sentar na cadeirinha, e sim, sentar com no meio delas, deixá-las vir ao teu redor, sentir o toque das crianças, escutar suas falas. Mas percebo o quanto os professores estão atordoados em dar conta do burocrático, deixando isso de lado (PROFESSORA 2, 2021).

Considerando as análises preliminares, buscamos mostrar alguns deslocamentos na forma de conceber a criança e, a partir disso, refletir sobre a participação delas na vida da escola de Educação Infantil. Percebemos que os professores da Educação Infantil, participantes desta pesquisa, procuram criar meios e estratégias par ouvir as crianças, acolher àquilo que elas manifestam e planejar as situações de aprendizagem considerando suas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa vem mostrando que escutar e acolher a voz das crianças no cotidiano da Educação Infantil não é uma tarefa simples e fácil de realizar, uma vez que os espaços e tempos das escolas de Educação Infantil são marcados pela sua trajetória histórica, um tanto quanto adultocêntricos. Contudo, considerar a perspectiva da criança e, a partir disso, possibilitar-lhe participação no cotidiano da escola é primordial para a condição humana e imprescindível na prática docente, uma vez que essa postura sensível e ética abriga a singularidade e a inteireza das crianças e suas infâncias. Todavia, não existe uma fórmula e estratégia única para desenvolver essa práxis, mas há caminhos que se constituem nas relações diárias que possibilitam conhecer, conectar e dialogar com o universo infantil.



Acreditamos que o professor seja o responsável pelas questões pedagógicas que envolvem o ensinar na Educação Infantil. Contudo, o diálogo constante e a escuta revelam formas de interação e comunicação entre crianças e professores, tendo a possibilidade de aproximar os universos e as culturas da infância. As crianças são espontâneas, curiosas e argumentativas, quando a elas são proporcionados espaços e tempos para tais manifestações.

Diante do exposto, reafirmamos que, quando nosso caminho tem como ponto de partida as vozes das crianças, os processos de ensinar e de aprender começam a (trans)formar a vida daqueles que estão envolvidos nesses contextos educativos. Dar voz e vez às crianças é promover a participação e o respeito para com a criança. Acreditamos que as escolas de Educação Infantil têm muito a aprender em relação à tal temática. Permitir mudanças no cotidiano escolar, a partir das vozes das crianças, pode significar uma excelente possibilidade de qualificar as propostas pedagógicas da Educação Infantil.

REFERÊNCIAS

ALDERSON, Priscilla. As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia da pesquisa. *In: Dossiê Sociologia da Infância: pesquisas com crianças*. Educação e Sociedade. Campinas, volume 26, nº 91, maio/agosto, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2012.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força: rotinas na educação infantil**. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **A investigação qualitativa em educação**. Porto/Portugal: Porto Editora, 1994.

CORSARO, W. A. **Sociologia da Infância**. Porto Alegre: Penso, 2011.

CRUZ, S. H.V. A qualidade da educação infantil na perspectiva das crianças. *In: FORMOSINHO, J.O. A escola vista pelas crianças*. Portugal: Porto, 2008.

DAHLBERG, G. MOSS, P. PENCE, A. Qualidade na Educação da Primeira Infância: Perspectivas pós-modernas. Porto Alegre: Artmed, 2003.

DAL'IGNA, Maria Cláudia. Grupo focal na pesquisa em educação: passo a passo teórico-metodológico. *In: MEYER, Dagmar E. Estermann; PARAÍSO, Marluicy Alve. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: Desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo, Scipione, 1989, 239 p.



FERREIRA, S. **Imaginação e linguagem no desenho da criança.** 2ª ed. Campinas, Papirus, 2001, 111 p.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas.** Brasília: Líber Livro, 2005.

GOBBI, M. Desenho infantil e oralidade: instrumentos para pesquisas com crianças pequenas. In: A.L.G. FARIA; Z.B.F. DEMARTINI; P.D. PRADO (eds.). **Por uma cultura da infância: Metodologias de pesquisa com crianças.** 2ª ed. Campinas, Autores Associados, p. 67-92, 2005.

PEREIRA, L.T.K. **O desenho infantil e a construção da significação: um estudo de caso.** Portal da Unesco. 2005. Disponível em: http://portal.unesco.org/culture/fr/file_download.php/9ffc37e6d64b38a5978c9202d23b913clais-krucken-pereira.pdf; acessado em: 27/02/2006

SARMENTO, Manuel J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (Org.). **Crianças e Miúdos.** Perspectivas Sócio-Pedagógicas da Infância e Educação. Porto: Asa, 2003.

SILVA, Jacqueline Silva da. **O planejamento no enfoque emergente: uma experiência no 1º Ano do Ensino Fundamental de Nove Anos.** Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Porto Alegre, 2011.

VYGOTSKI, L.S. **La imaginación y el arte en la infancia.** 4ª ed. Madrid, Akal, 1998, 127 p.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e métodos.** Porto Alegre: Bookman, 2010.